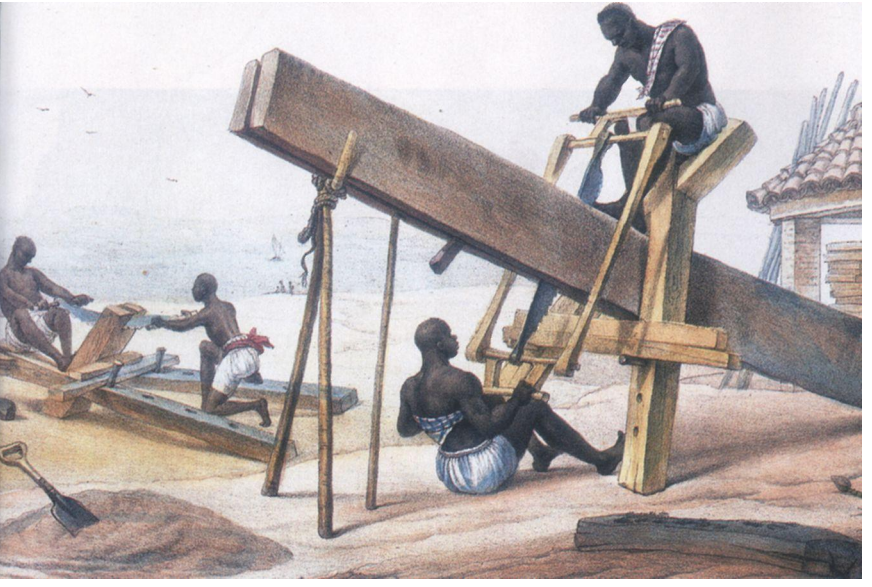

RETRATO AS **telas de Debret foram um dos primeiros registros do cotidiano brasileiro a ganhar o mundo**

UM NOVO OLHAR ESTRANGEIRO SOBRE O BRASIL

O País volta a despertar o interesse de pesquisadores, professores e estudantes de universidades internacionais

Yan Boechat e Cláudio Dantas Sequeira

O Brasil sempre despertou a curiosidade do mundo. Seja por seu exotismo natural, seja pelas suas dimensões continentais ou pelo caldeirão cultural formado por uma das sociedades mais miscigenadas do planeta. Nos últimos anos, no entanto, o interesse internacional pelas coisas brasileiras andava um tanto quanto arrefecido, principalmente pelo fato de a agenda geopolítica mundial estar voltada para o Oriente Médio. Mas agora, com a ascensão do País a um papel de protagonista, ainda que emergente, no cenário mundial, acadêmicos de todo o mundo, em especial os americanos, começam a voltar seus olhos novamente para o Brasil. Só nos Estados Unidos estima-se que quase mil pesquisadores em diversas universidades estejam dedicados exclusivamente a estudar assuntos tão diversos quanto a poluição da Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, a história do Plano Real. Ao mesmo tempo, cerca de dez mil estudantes universitários estão matriculados em cursos para aprender português. "Há um interesse crescente pelo Brasil, por várias razões, desde as econômicas até o fato de termos mais brasileiros vivendo nos Estados Unidos", diz o professor de História do Brasil da universidade americana de Brown, James Green, integrante da Associação Norte-Americana de Estudos Brasileiros, que conta com cerca de 1,2 mil sócios.

10 mil
estudantes universitários americanos estão matriculados em cursos de português nos Estados Unidos

1,2 mil
pesquisadores fazem parte da Associação Americana de Estudos Brasileiros

A história desse interesse acadêmico pelo Brasil não é nova. Desde os anos 50, quando o Brasil iniciou um rápido processo de industrialização, pesquisadores estrangeiros passaram a colocar o País em suas pautas. Esse movimento cresceu nos anos 60 e 70 com a intensificação da Guerra Fria. Nessa época, o governo dos Estados Unidos começou a financiar estudantes interessados em estudar o Brasil, um país com informações sobre seu tecido social tão escassas quanto a Cuba tomada por Fidel e Che Guevara. Mas, desde o fim da década de 90, tanto o Brasil quanto a América Latina deixaram de atrair a atenção internacional, monopolizada pelo déjà vu: a batalha entre Ocidente e Oriente encarnada nas guerras do Iraque e do Afeganistão.

"O desempenho econômico do Brasil durante a crise e as conquistas sociais do País voltaram a despertar o interesse acadêmico", diz Joseph Love, diretor do Instituto Lemann, voltado exclusivamente para financiar estudantes brasileiros ou americanos interessados no Brasil. Love, como outros brasilianistas, está percebendo uma mudança importante no perfil dos pesquisadores de agora em relação aos de décadas passadas. "Antes o interesse era quase exclusivamente antropológico. Questões como raça e gênero sempre cativaram os pesquisadores. Agora o que vemos é uma curiosidade crescente por temas relacionados à economia, experiências no sentido de diminuir o abismo social e questões ambientais", diz ele.

O interesse crescente pelo Brasil fez com que a Universidade de Harvard instalasse um escritório para fomentar o intercâmbio acadêmico entre os dois países. "O Brasil mudou. As instituições democráticas brasileiras ganharam força e o País tem outra imagem no Exterior por conta disso", diz o historiador Kenneth Maxwell, do Centro de Estudos Brasileiros em Harvard. Assim como o pintor francês Jean-Baptiste Debret, que imortalizou o Brasil imperial em suas telas, esses novos pesquisadores lançam um olhar estrangeiro - e novo - sobre o País.

Material de uso exclusivo para fins educacionais

Fonte: Istoé, São Paulo, ano 34, n. 2130, p. 59, 8 set. 2010.